

**POÉTICAS
SOB
SUSPEITA**

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp
Profa. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodriguez – UFMS
Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Profa. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Lourdes Kaminski Alves
Alai Garcia Diniz
Carmen Luna Sellés
(organizadoras)

**POÉTICAS
SOB
SUSPEITA**

Coleção
*Confluências da Literatura
e Outras Áreas*

Volume VI

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poéticas sob suspeita / Lourdes Kaminski Alves, Alai Garcia Diniz, Carmen Luna Sellés, (Organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018. – (Coleção *Confluências da Literatura e Outras Áreas* ; v. 6)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-546-2

1. Arte e cultura 2. Crítica literária 3. Estética 4. Linguagem e cultura 5. Oralidade 6. Poética 7. Transculturalidade I. Alves, Lourdes Kaminski. II. Diniz, Alai Garcia. III. Sellés, Carmen Luna. IV. Série.

18-22963

CDD-400

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem literária e interfaces sociais : Linguística 400

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Maria Paula C. Riyuzo – CRB-8/7639

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JANEIRO / 2019

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Apresentação 9

PARTE I – ESCRITURA, CORPO E PERFORMANCE

Cuerpo, comunidad y contracultura
en *Eloísa Cartonera* 21
Carmen Luna Sellés

Mulheres que escrevem: práticas de
descolonização e mediação Cultural 33
Diana Araujo Pereira

Del teatro nacional a la duda contemporánea:
las fronteras de lo político en el teatro posdramático 49
Inmaculada Lopez Silva

Una oposición “bajo sospecha”. La Murga
uruguaya en un gobierno de izquierda. 67
Gabriela Rivera Rodríguez

Paraguay: Música y re-existencia 89
Aníbal Orué Pozzo

Oralidades Latino-americanas
como poéticas sob suspeita 99
Alai Garcia Diniz

PARTE II – ESCRITURA, DESLOCAMENTOS E FRONTEIRAS

Literatura e região cultural
em contexto de fronteira 125
Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

Violeta Parra y su encuentro con el Canto Mapuche:
impacto y nuevos sentidos en su obra 149
Paula Miranda

Frida Kahlo Arte e Paixão entre sofrimentos e cores 165
Paulo César Fachin

A poética Decolonizadora de Violeta Parra
na obra fronteiriça *El Gavilán*: releitura e hibridação 187
na cultura popular chilena
Patricia Virginia Cuevas Estivil

Yo no canto por cantar: arte, intimidad
y dinero en masculinidades de artistas y
masculinidades hegemónicas globalizadas 209
Rubí Carreño Bolívar

Prosa/poesia e descentramentos líricos
em Ana Cristina César: poéticas intercruzadas 221
Antonio Donizeti Cruz

Josué Guimarães e a literatura para crianças
e jovens no Brasil dos anos 1970 239
Regina Zilberman

Cartografias Literárias Nômades: o ensaísmo crítico e criativo escrito por mulheres no Brasil e na América Latina	253
<i>Lourdes Kaminski Alves</i>	

La igualdad en <i>Sab</i> de Gertrudis Gomez de Avellaneda: La primera novela antiesclavista de América	279
<i>Cynthia Valente</i>	

PARTE III – ESPECULANDO CRIAÇÕES

Nasce um sarau (peça teatral)	297
<i>Marco Pezão</i>	

Sobre os Autores	323
----------------------------	-----

A PRESENTAÇÃO

O livro, *Poéticas sob suspeita*, resulta de pesquisas realizadas por parte do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, linhas de pesquisa “Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados” e “Literatura, Memória, Cultura e Ensino”, em parceria com a Escola Internacional de Doutorado da Universidade de Vigo, Espanha, mais precisamente com o Programa de Doutorado interuniversitario em Estudos Literários da UVIGO e com o Programa de Doutorado Internacional em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Chile. Colaboram nesta publicação, renomados pesquisadores do Brasil, América Latina e Europa, cujas pesquisas dialogam com a temática desta obra.

Poéticas sob suspeita faz parte da *Coleção Confluências da Literatura e Outras Áreas*,¹ articulada ao Grupo de Pesquisa “Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens”, do PPGL/Unioeste, cuja origem remonta a 2007, com apoio da Fundação Araucária, CAPES e do CNPq. Nesta edição, o presente volume dá visibilidade a projetos em redes nacional e internacional, incluindo pesquisadores bolsistas, PNPd/CAPES, PDSE/CAPES, PQ/CNPQ, PQ/Fundação Araucária/CAPES, Pesquisador Visitante/FA/CAPES e Pesquisadores apoiados por diversos

1. Nota do Editor: os cinco primeiros volumes da Coleção *Confluências da Literatura e Outras Áreas* foram publicados pela Edunioeste, Editora da Unioeste.

órgãos de fomento no exterior, participantes de atividades conjuntas de pesquisas amparadas, por meio de Acordos Bilaterais e ou Termos de Cooperação Técnica e Científica entre Unioeste e as Universidades Uvigo/Espanha e PUC/Chile.

Na edição de 2019, o livro *Poéticas sob suspeita* lança o desafio transnacional de interlocução entre reflexões sobre as fronteiras da contemporaneidade e a suspeita sobre o vínculo entre o que é museificar, o que vira arquivo e tende a se cristalizar e a relação entre a economia cultural e os deslocamentos territoriais, afetivos e simbólicos, a partir dos fluxos que povoam o tempo da mundialização. Os ensaios aqui apresentados armam um modo de articular os horizontes culturais que hoje afetam as subjetividades em trânsito, a partilha do sensível na criação de estéticas migrantes.

Entre redes, geoculturas e geopoéticas surge um campo de estudos periféricos, transatlânticos e globais que vem transformando a área da cultura. No desejo implícito de deixar a tradicional moldura nacionalista para entender a literatura como um processo em construção e em movimento, operacionalizam-se outras categorias que renovam as geopolíticas das margens, dos descentramentos e de reconfigurações de gêneros, mídias e de procedimentos em contínua experimentação.

O uso, a apropriação dos espaços públicos, dos bens materiais e culturais de uso coletivo envolve não apenas a discriminação cotidiana do espaço local como o global, ou local. Neste sentido o relato da diáspora, do nomadismo e do banimento muda, desloca e transforma os limiares simbólicos na virtualidade ou na presença que delimita o drama, a narrativa, o lirismo, a memória no discurso das relações interculturais, de gênero e de classe produzidas pelos sujeitos no século XXI.

O ensaio de Carmen Luna Sellés “Cuerpo, comunidad y contracultura en *Eloísa Cartonera*” aborda uma arte de como editar livros com papel reciclado, justamente com o resto da sociedade industrial, intervindo em um momento em que o capital improdutivo desemprega seres humanos e é preciso reter, reaproveitar e inovar. Carmen Luna Sellés se serve do conceito de literatura pós-autônoma (Ludmer) para ler esse modo de resistência cultural que, criada na Argentina, logo após o advento do *Corra-*

*lito*² origina um modo de fazer que muda o paradigma de publicações, ao configurar novos atores sociais na arte da literatura com o coletivo Eloisa Cartonera.

Entre redes contemporâneas de produção feminina voltada à literatura, particularmente o poema, o ensaio de Diana Araujo Pereira “Mulheres que escrevem, práticas de descolonização e mediação cultural” surge de uma vivência pessoal em eventos de escritoras latino-americanas para o tratamento de uma linguagem; de uma ação estética descolonizadora e de uma política que passa a vislumbrar um campo possível de mediação cultural. O relato de uma viagem de pesquisa na Colômbia serve ao desenvolvimento da reflexão que avança rumo à geopolítica e a geopoética, categorias que Diana vem adotando e aprofundando com uma prática que vai além da ação para chegar à teoria.

A contribuição de Inmaculada López Silva em “Del teatro nacional a la duda contemporánea: las fronteras de lo político en el teatro posdramático” apresenta uma reflexão que introduz o vínculo entre o teatro nacional ao surgimento do Estado moderno. Deste modo, seria esta moldura uma espécie de depósito de símbolos necessários para criar imagens de nação. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX isto se reduz a algo obsoleto uma vez que entre a globalização e a modernidade já não é o Estado nação o árbitro, outras entidades tomaram este lugar. Com a desterritorialidade, a relação entre cultura e poder transformou o que seria a teatralidade, é nesse diapasão que a irrupção do posdramático e do posespetáculo ganha corpo em espaços minorizados que não obedecem ao paradigma linguístico que via na língua a doxa do sistema teatral. A Escola de Teatro da Galícia passa a questionar a nacionalização e a visão teatral, observando o teatro em sua complexidade semiótica. Como teatro político o posdramático vai além da política e é posbrechtiano. Tal discussão demonstra que há uma busca do espaço crítico que advém da

2. Na Argentina o *corralito* foi uma medida adotada pelo governo De La Rúa, em 2001, que impedia que as pessoas tirassem seus valores no banco. Houve a suspensão de pagamentos bancários e com isso poderiam causar a falência total da economia do país. Entretanto esta medida cerceou a liberdade individual de quem tinha poupado ou investido e possuía dividendos bancários.

falta de acomodação coletiva. Neste sentido a discussão escava a suspeita em busca de uma poética que desacomoda, incomoda e resiste.

No artigo “Una oposición “bajo sospecha”. La *Murga* uruguaya en 2005: ¿Contestataria u oficialista?”, Gabriela Rivera Rodríguez estuda a murga uruguaia sob a ótica da suspeita, pois se propõe a ler a produção de quatro coletivos dessa prática cultural carnavalesca, no ano em que a Frente Ampla (de esquerda) triunfara nas eleições de 2004. Como uma das características essenciais da murga carnavalesca vem desde o final do século XIX, potencializando-se, entre os anos 60 e 70, como um espaço de crítica social e política, a proposta de Gabriela é a de observar como se dá esta prática neste novo contexto político. Deste modo, para além para comentar sobre a contextualização do evento, a intenção é a de esmiuçar a criação dos coletivos que triunfaram, tais como: Agarrate Catalina (em primeiro lugar); A contramano (em segundo) e o empate em terceiro lugar entre Contrafarsa e Diablos Verdes a fim de refletir sobre possíveis mudanças. Nesse novo tempo (2005), a leitura dos *cuplé*, um dos principais elementos da murga, comprova a tendência de redirecionar a prática a uma dimensão filosófica ao ampliar o foco a um humanismo de nova cepa.

Considerando que a palavra cantada é parte das oralidades que têm no corpo o suporte da literatura e que pode armar uma poética sob suspeita, Aníbal Orué Pozzo no artigo “Paraguay: música y re-existencia” mostra como, em dois momentos de tensão e repressão paraguaias, a produção simbólica em guarani criado pelo cancionero permitiu consolidar subjetividades divergentes, tanto com os presos políticos, nos anos 70, sob o stronismo (1954-1989), como, recentemente, no *imbroglio* de Curuguaty (junho de 2012) que levou à queda de Fernando Lugo sob um golpe parlamentar muito bem urdido. O que Aníbal Orué Pozzo discute é que a memória de canções épicas tanto na Guerra da Tríplice Aliança, como na Guerra do Chaco, foram criando um campo à manifestação musical em guarani que reverbera como resistência e construção de novas subjetividades na cultura paraguaia.

Somando-se às discussões contempladas nesta obra, encontra-se o texto de Alai Garcia Diniz, intitulado “Oralidades latino-americanas como poéticas sob suspeita”, no qual a autora reflete que ao “se tratar a literatura na acepção de Manuel Bandeira como uma arte da linguagem oral ou

escrita, ou quando ‘a voz ultrapassa a palavra’, como diz Paul Zumthor (1997, p. 13) entende-se como isso envolve uma pesquisa sobre oralidades latino-americanas como poéticas sob suspeita”. Neste sentido, afirma “ar-risco-me a ler algumas das tendências contemporâneas que assimila a performance e o corpo como categorias na relação entre ouvinte e emissor na linha de uma exibição entre a voz do corpo, ainda que seja em contextos virtuais como oralidade secundária, em que haja auxílio de tecnologia. Mesmo que não seja natural, no *hic et nunc*, comprova-se que na prática, estas manifestações encontram-se, em geral, alijadas das disciplinas da área de Letras, embora se tratem de repertórios que organizem o cotidiano de muitos sujeitos praticantes da literatura vocalizada em contextos periféricos, ou como a tradição cultural hegemônica segregou em manifestações da ‘cultura popular’. A suspeição recai sobre as oralidades a partir das instituições como as acadêmicas, que recalitrantes, instâncias de poder, desconfiam das categorias da performance, ou de conceitos como o de corpo que se transforma, segundo as relações de gênero, etnia, idade e contextos, conforme a sociedade e o tempo, e por isto são passíveis de virarem suporte e darem peso à palavra e à voz, no território limitado por uma pele, um olho que enxerga o ouvinte, mastiga ou agarra, beija, chuta e resiste. Nem sempre capitula na suspeição. Bate na porta da cultura pra escancará-la no desejo de criar ou recriar a arte da linguagem no corpo: *repertório* (Taylor 2013)”.

Na segunda parte da obra *Escritura, Deslocamentos e Fronteiras* os ensaios se articulam a partir de determinados enigmas que configuram complexidades territoriais, simbólicas ou afetivas na errância ou oscilações atropeladas pelos sentidos que poéticas como bens imateriais capturam. O primeiro deles é o artigo “Literatura e região cultural em contexto de fronteira” do pesquisador e docente de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, reconhecido pelo avanço que tem realizado nos estudos culturais no Brasil. Ao abordar duas ficções como *Selva Trágica* de Hernani Donato, com um romance de fundação no universo dos ervais, o foco passa a informar sobre obras contemporâneas desse locus de enunciação que tenha no âmbito transfronteiriço, periférico e plurilinguístico os elementos fundamentais.

Assim, o escritor de *O relato do bandoleiro Silvino Jacques*, Brígido Ibanhes, nativo de Bella Vista paraguaia, essa cidade-gêmea, dividida pelo Rio Apa na disputa que antecede a Guerra Grande acaba sendo o veio original

para a elaboração de uma crítica que tenta incorporar dados de um estudo do IBGE que lança a suspeição sobre o que “está por trás de um casamento da história com a geografia realizada no altar da literatura?” Mote que o discurso de Nolasco evoca em suas reflexões para contribuir com novos dados sobre a literatura contemporânea transfronteiriça.

No diálogo instaurado com escritores fronteiriços, apresenta-se o instigante ensaio da pesquisadora Paula Miranda, intitulado “Violeta Parra y su encuentro con el Canto Mapuche: impacto y nuevos sentidos en su obra”. Neste texto a autora reflete sobre o importante legado de Violeta Parra como compositora, poeta e artista plástica ao mundo. Segundo Paula Miranda, uma das qualidades essenciais de sua poética foi a capacidade que a artista teve em assimilar visões e estéticas das mais diversas tradições.

A seguir, Paulo César Fachin nos traz uma leitura do *Diário Íntimo* de Frida Kahlo, cruzando-o com a biografia sobre a pintora em “Frida Kahlo: arte e paixão entre sofrimento e cores”. Cotejando informações entre as duas obras em diferentes momentos, o autor extrai elementos a indicar a potência com que Frida foi desenvolvendo uma ecologia subjetiva de modo a sufocar a dor que o acidente lhe causou para o resto de sua vida.

O artigo de Patricia Virginia Cuevas Estivil sobre “A poética Decolonizadora de Violeta Parra na obra fronteiriça *El Gavilán*: releitura e hibridação na cultura popular chilena” aborda as transgressões com que Violeta Parra opera ao transformar, esteticamente, as obras de tradição popular, ou particularmente mapuche, caso de *El gavilán*, partindo de um conceito de popular (Décart), em contraste com o não-popular (domínio do culto, do sério, do douto). Ao tratar da anticueca na obra de Violeta Parra como uma estética decolonizadora, Patricia Estivil mostra a relação entre Nicanor e Violeta, dois irmãos que se projetaram de maneira diferente no cenário poético e musical, respectivamente com a Antipoesia e a Anticueca. Uma poética que move da margem e balança as bases entre o culto e o popular, permite a leitura que desestabiliza a cultura e, portanto, inaugura uma poética sob suspeita.

Rubí Carreño Bolívar em “Yo no canto por cantar: arte, intimidad y dinero en masculinidades de artistas y masculinidades hegemônicas globalizadas” discorre sobre a música popular como fonte de inspiração

da juventude para rearticulação das sexualidades masculinas, a partir do contraste entre o cancionero popular que parte da imaginação criativa de compositores de rock, tais como Charli García, Gustavo Cerati, Alberto Fuguet e as masculinidades hegemônicas globalizadas cujos mapas assinalam rotas de tráfico humano. Segundo a autora, o que ela denomina de baixo popular: narcocorridos, reggaetones e cumbias villeras e alguns ritmos observados em outros bens como a literatura ou filmes manipulam uma cadeia de desejos que partem do gozo pelo dinheiro, pela posse ou a compra que consome e transversaliza as práticas de intimidade. A leitura de melodias, romances ou filmes em que se observa a recomposição das subjetividades masculinas dialoga com o modo como se pensam os corpos na cultura globalizada.

No artigo “Prosa/poesia e descentramentos líricos em Ana Cristina César: poéticas intercruzadas”, Antonio Donizeti da Cruz esmiúça a lírica da poeta carioca Ana Cristina César, na vibração de um percurso tangível que sobrepassa a fronteira entre prosa e poesia na compreensão do cerne da poética de Ana Cristina César e mostra como a característica multidimensional do eu lírico, em sua natureza dialógica, funciona como interrogação ontológica em que o eu que também é alteridade e permite encantar o receptor, assim como a prosa/poesia atua para transgredir o mundo material, técnico e inaugurar, sob suspeita, a partilha do sensível, mesmo que seja em uma efêmera permanência enraizada na modernidade.

Regina Zilberman no texto “Josué Guimarães e a literatura para crianças e jovens no Brasil dos anos 1970”, reflete sobre a contribuição deste autor para a literatura infantojuvenil, em um marco histórico importante, anos 1970, período de implantação da reforma educacional que estendia a duração do ensino obrigatório de cinco para oito anos, aumentando a população escolar, em resposta ao projeto de modernização econômica proposto pelo então governo brasileiro. Zilberman observa que a reforma educacional de 1971 fora uma imposição do Estado, na oportunidade dominado pelas forças vinculadas ao Exército e a um projeto de modernização acelerada, em resposta ao tipo de economia capitalista almejada pelo poder dominante. A autora reflete que os escritores, porém, não partilhavam de tais ideais, apoiados no autoritarismo e na centralização; pelo contrário, orientavam-se para criações comprometidas com a denúncia das más condições de produção intelectual e artística, em decor-

rência do exercício da censura pelo governo, e com a apresentação de um quadro acusatório da situação vigente. Zilberman lembra que, dado a este contexto, os criadores de obras para crianças e jovens, ainda que interessados em contar com o apoio do sistema escolar e em dispor de um público formado por alunos do Ensino Fundamental, não podiam se furtar a acompanhar o movimento de renovação e, sobretudo, de contestação que marcava a produção literária em circulação no país.

A abordagem de Lourdes Kaminski Alves em “Cartografias Literárias Nômades: o ensaísmo crítico e criativo escrito por mulheres no Brasil e na América Latina” traça uma trajetória do gênero ensaístico a partir da crítica escrita por mulheres, configurando um mapa que se expande de um microcosmo como pesquisadora, o que evidencia uma experimentação própria de afirmação intelectual da ensaísta para as referências diacrônicas brasileiras, transcendendo o foco nacionalista para focar o ensaísmo feminino na América Latina. Neste sentido, o entendimento que esse gênero provoca dissemina através dos conceitos de decolonialidade, interculturalidade e ensaísmo crítico latino americano a suspeição de uma poética que questiona o caráter científico da crítica literária na contemporaneidade. O percurso meticuloso e as referências organizam a verve ensaística da pesquisadora. Destaco entre outras, a invocação à personalidade argentina de Josefina Ludmer com a maestria que o momento confere pela perda física de uma pessoa que consagrou o melhor da crítica latino-americana no campo da literatura. O artigo de Lourdes Kaminski Alves assimila com propriedade a contribuição que o pensamento de Josefina Ludmer ofereceu e que, acredito, será preservado no mar da crítica latino-americana. Lourdes reclama essa vitalidade da crítica com uma passagem que veio para cimentar as leituras sobre a contemporaneidade no campo literário e por isso torna-se viva na academia a esse olhar atento a novas poéticas, o que a autora oferece em suas reflexões sobre a questão de gênero no ensaio criativo.

No texto “La igualdad en *Sab* de Gertrudis Gomez de Avellaneda: la primera novela antiesclavista de América”, Cynthia Valente apresenta um estudo da escritora cubana, observando que na elaboração das personagens desta novela, Avellaneda demonstra sua capacidade de criá-los com diferentes angústias existenciais e ao mesmo tempo compartilhadas. Através dos personagens de Sab, ela poeticamente externaliza o papel das

mulheres no século XIX. A pesquisadora Cynthia Valente destaca em seu texto, que uma leitura cuidadosa da autobiografia na forma de uma carta à Cepeda revela que os personagens principais de *Sab* apresentam cada um à sua maneira um pouco da própria personalidade de Avellaneda e sua própria angústia. Isso se torna um mecanismo ainda mais complexo quando o autor demonstra a capacidade de escapar dos tipos tradicionalmente usados para caracterizar a personalidade de um homem e uma mulher na literatura romântica.

Finalmente, *Especulando Criações* comprova o quanto vale a imaginação nesta obra. Recordando uma das falas de Ludmer que dizia que muito antes que as ciências dessem conta de algum fenômeno social, era a literatura que farejava a questão. No caso do sarau, mola mestra da literatura periférica, criada também pelo dramaturgo e poeta Marco Pezão, *Nasce um sarau* (2014) constitui um drama que pelos personagens, conflitos, cenário e discurso, abre o mundo da voz periférica no corpo crítico à cata de novas leituras e contribuições. Essa peça que rodou diversas bibliotecas na cidade de São Paulo, ganha visibilidade ao ser publicada e materializa uma linguagem marcada pelo gênero dramático que fura o cerco da desconfiança que a assimetria da heterogeneidade cultural tenta engendrar, sem conseguir porque sua potência late.

Ao errar entre artes e linguagens, a mediação e a tradução; a antropologia e a memória admitem-se deslocamentos teóricos interdisciplinares que a recepção de literaturas pós-autônomas; de cenas pós-dramáticas, de textualidades e de performances passam a incorporar entre o arquivo e o repertório a fim de inventar na escritura a inscrição do corpo no cotidiano. Confirmam, critiquem dessas poéticas transnacionais que hoje vivem sob suspeita!

Agradecimentos especiais aos pesquisadores por compartilhar resultados de pesquisa e à CAPES, que por meio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) tornou possível a presente publicação.

As organizadoras